

RESUMO - 02. CORPOS EM DISPUTA: SAÚDE, BIOPOLÍTICA E  
RESISTÊNCIAS DE GÊNERO | HÍBRIDO

**ENTRE O CUIDADO E A TUTELA: VIOLÊNCIA E SUBALTERNIZAÇÃO NAS  
TRAJETÓRIAS DE JOVENS TRANS, TRAVESTIS E NÃO BINÁRIOS EM  
GRANDES CENTROS URBANOS**

*Guilherme Lamperti Thomazi (guigalthomazi@gmail.com)*

*Nathália Pacífico De Carvalho (nathaliapc@ufmg.br)*

*Cristiane Da Silva Cabral (cscabral@usp.br)*

Este trabalho é derivado do esforço analítico empreendido em duas investigações qualitativas realizadas em períodos próximos e com características convergentes: a pesquisa "Jovens da era digital" (CNPq, 2019-2022) e a pesquisa "Pesquisa Sexpan" (FAPESP, 2021). Ambos os estudos, realizados durante o arrefecimento da pandemia (2021 e 2022), focaram na sexualidade juvenil e utilizaram entrevistas semiestruturadas com jovens de 16 a 24 anos, residentes em centros urbanos brasileiros. Neste artigo, tomamos as biografias de jovens trans e não binários, residentes de grandes centros urbanos, com vistas a compreender os entrelaçamentos entre suas identidades de gênero e os contextos de violência sofridos. Para a presente análise, debruçamo-nos sobre as biografias de 13 jovens (16 a 24 anos) que se identificam como trans, travestis e não binários, residentes em São Paulo (9), Rio de Janeiro (1), Porto Alegre (2) e Salvador (1). O acesso aos participantes deu-se por redes de relações, convites em mídias sociais e técnica "bola de neve". O universo empírico revelou uma pluralidade de identidades: três mulheres trans, uma travesti não binária, quatro pessoas não binárias, um

homem trans, três pessoas de gênero fluido e uma queer. Em termos raciais, os jovens se declararam em sua maioria brancos, pretos/negros ou pardos. Socioeconomicamente, a maioria se classificou como pertencente à classe média. Este estudo investiga as vivências de jovens trans, travestis e não binários em espaços tradicionalmente concebidos como lócus de apoio e cuidado. Os dados são oriundos de duas pesquisas socioantropológicas realizadas durante o arrefecimento da pandemia de COVID-19 (2021 e 2022) sobre temas relativos à sexualidade juvenil. A análise de conteúdo temática revelou três principais núcleos de violência: no ambiente familiar, nas redes sociais e no campo da saúde. Ao invés de serem espaços de acolhimento, esses contextos produzem exclusão e sofrimento. A família torna-se um ambiente hostil. O meio digital amplifica a hipersexualização de corpos trans. Já os serviços de saúde frequentemente exercem um papel de tutela e controle. Ao expor essas dinâmicas, este estudo denuncia a persistência de violências que atravessam as trajetórias de pessoas trans jovens e reforça a urgência de mecanismos que garantam seu direito à existência digna e ao acesso efetivo a espaços (institucionais) de cuidado.

Palavras-chave: cuidado; pessoas trans; saúde coletiva; violência.